



Entrevista com Pesquisadores do Campo de Juventudes Sobre a Dimensão da Problemática da Fome¹

José Inácio da Silva Júnior²

Victor Hugo Nedel Oliveira³

RESUMO: O presente trabalho surge a partir das inquietações diante das problemáticas sociais, como a fome, na qual configura-se como um fenômeno social. Cerca de 125 milhões de brasileiros estão inseridos em algum grau de insegurança alimentar, deste, 30 milhões são jovens. Dessa forma, objetivou verificar as percepções de pesquisadores (as) das juventudes que trabalham a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome. Foram estruturadas questões e aplicadas em uma entrevista com duração aproximada de uma hora. O relato permitiu que fossem abordadas questões relacionadas aos jovens suscetíveis a insegurança alimentar. Para dialogar com as ideias do trabalho, o referencial teórico aborda o tema de juventudes contemporâneas, com o foco nas juventudes periféricas. A metodologia inclui entrevista estruturada com três pesquisadores de juventudes especialistas em juventudes periféricas.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens. Juventudes Periféricas. Entrevistas. Fome. Vulnerabilidade social.

ABSTRACT: This study emerges from concerns regarding social issues such as hunger, which is understood as a social phenomenon. Approximately 125 million Brazilians experience some level of food insecurity, including about 30 million young people. Thus, the study aimed to examine the perceptions of youth researchers who work with the theme of the periphery regarding the issue of young people experiencing hunger. Structured questions were developed and applied in interviews lasting approximately one hour. The accounts allowed for discussions on issues related to youth vulnerable to food insecurity. The theoretical framework addresses contemporary youth, with a focus on peripheral youth. The methodology includes structured interviews with three researchers specializing in peripheral youth.

KEYWORDS: Youths. Peripheral Youths. Interviews. Hunger. Social vulnerability.

1 O presente texto é produto do Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Geografia de Silva Júnior (2024).

2 Mestrando pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

3 Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

INTRODUÇÃO

As experiências espaciais juvenis revelam e dizem muito sobre estes sujeitos, a diversidade, diferenças e desigualdades entre estes sujeitos refletem nas relações espaciais. Esse trabalho surgiu a partir das questões sociais que percorrem as escolas de periferias. Por exemplo, a problemática da fome fica extremamente evidente durante e pós pandemia por Covid 19, na qual as escolas se encontram fechadas, mas mesmo assim buscando alternativas de garantir assistência aos alunos. Os prejuízos da insegurança alimentar persistem e acompanham muitos estudantes pós pandemia. Dessa forma, como pode o Brasil ser um dos maiores produtores em alimentos, mas tendo mais de 125 milhões⁴ de pessoas situadas em algum grau de insegurança alimentar, entre eles, jovens? São diversos questionamentos. Contudo, a questão que perdurou foi: Como será o cotidiano de jovens inseridos neste contexto de insegurança alimentar? Dessa maneira, coloco que compreender a dimensão da insegurança alimentar para os jovens é olhar e entender os anseios desses sujeitos inseridos neste contexto, que vai para além do ato de alimentar-se. A fome é um limitante social, cultural, político e econômico, sendo ela uma questão que perpassa diversos grupos etários, entre eles, o período da juventude.

Para falar desta questão para jovens é necessário comentar sobre os conceitos pensados por Abramo (2005) de condição e situação juvenil. A Condição Juvenil refere-se a uma construção social referente a um determinado momento da vida, segundo Estatuto da Juventude - EJUVE⁵, dos 15 aos 29 anos; enquanto a Situação Juvenil caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido os diferentes recortes - como gênero, classe, etnia, etc - que percorrem os diferentes grupos de jovens. Sendo assim, podemos encaixar a fome/insegurança alimentar grave, sendo um fenômeno social, como um recorte na vida de jovens inseridos neste contexto. Logo, analisar os impactos da insegurança alimentar para os jovens engloba discorrer sobre suas vivências e como são afetadas por estarem nesta condição.

Seguindo a legislação no que tange alimentação é inclusão como direito social, em 2010, por meio do artº 6º da Constituição Federal (Brasil, 1988), sendo assim, estabelece a responsabilização do Estado em garantir o acesso à alimentação a todos e a promoção de políticas eficazes para o combate à pobreza e à fome. Além de tudo, o Art. 19. do EJUVE dispõe sobre o direito à saúde e qualidade de vida dos jovens. Pensando a partir disso, os direitos destes jovens ao acesso à alimentação de qualidade, seja por meio da Constituição e/ou Estatuto, estão sendo garantidos? Para responder a esta questão retomaremos o momento de isolamento social devido ao Covid-19, a partir deste momento conseguimos acompanhar com maior frequência

4 De acordo com o II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 (II VIGISAN), são mais de 125 milhões de brasileiros situados em algum grau de insegurança alimentar. Destes, mais de 33 milhões estão passando fome.

5 Aprovado por meio da Lei Nº 12.852, de 05 de agosto de 2013 que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. (Brasil, 2013).

6 Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

as problemáticas sociais e trazendo para dentro deste trabalho pensaremos a partir do contexto escolar.

Com o advento da pandemia e, conseqüentemente, as escolas fechadas, milhões de alunos passam a ter aulas remotas, muitos têm a escola como uma base para acessarem direitos fundamentais que lhe são garantidos em lei, como é o caso da alimentação. Neste período, as comunidades escolares desenvolvem estratégias para que os alunos tenham ao menos acesso à alimentação, escolas da rede pública, por meio da Publicação da Lei 13.987 e da Resolução nº2 (Brasil, 2020), fizeram repasse de alimentos, em muitos casos cestas básicas, aos pais dos alunos. Com a retomada gradual das aulas professores da rede pública de ensino conseguiram acompanhar a realidade de seus alunos, na qual muitos alunos apresentaram déficit de atenção, casos de agressividade e alguns momentos sintomas físicos, como desmaio, mas qual a relação destas situações? A fome. Professores, não somente neste momento, se viram além do sujeito que está à frente de uma turma, mas pensando em formas de auxiliarem e orientarem alunos que se encontram nesta posição.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O entendimento acerca da ideia de Juventude como uma fase da vida surge, principalmente, no séc. XX na qual são atribuídas características específicas, antes era concebida a ideia de que as pessoas passavam diretamente da infância para fase adulta. Sobre a tematização social da juventude no Brasil somente a partir da década de 50 que esta categoria assume uma dimensão social (Abramo, 1997), sendo considerada como uma fase turbulenta e os jovens supostamente tenderiam a serem delinquentes. E a partir da década de 90 se tem visualização e compreensão de ações juvenis coletivas e individuais.

Os estudos sobre a evolução desta categoria apontam o avanço da concepção de que a juventude antes era compreendida como uma fase de transição da infância para vida adulta - baseado em critérios de idade e/ou desenvolvimento biológico - para que hoje seja visto a partir de uma perspectiva ampla e diversa, compreendendo critérios sociais e identitários. Segundo Cavalcanti (2023) não se pode falar em juventude, no singular, como uma etapa de transição para a vida adulta, algo abstrato e difuso, nem se pode ficar preso à fase etária. Apoiado nisso, pode-se compreender Juventudes, no plural, porque os jovens, como outros grupos da sociedade e sujeitos sociais são diversos, diferentes e desiguais. Podemos assim, compreender Juventude como uma categoria social e historicamente construída, Cavalcanti (2023) acrescenta que juventude é um tipo de vida, de práticas inseridas em determinado contexto social e, que é uma identidade importante aos jovens, que deve ser observado pela sua multiplicidade. É múltiplo devido ao fato de que além de jovens, estes sujeitos, por vezes, são estudantes, trabalhadores, pais, entre outros. São características e vivências que lhes permitem vivenciar a juventude de diferentes modos, possuem pontos singulares e coletivos.

O campo de trabalho em Juventudes é muito diverso, pode ser analisado e relacionado a partir de diferentes perspectivas, seja relacionado a outras categorias ou temáticas emergentes

que apresentam significativas contribuições para o campo de Juventudes. Por exemplo, entre as diferentes abordagens, destaca-se as juventudes de periferias, a partir dos escritos de Gamalho (2013) é possível compreender a dimensão dessa temática. Os jovens de periferias, comumente, passam por processo de estereotipação e este fato influencia na vida e como são vistos, os estereótipos mais comuns agregados aos jovens de periferias são questões de desemprego, evasão escolar e violência. Existe um distanciamento social de jovens de periferias para jovens de classe média, para exemplificação, Gamalho (2023) comenta sobre a moratória social, sendo que, ocio para jovens de classe média é socialmente legitimado, visto como um momento de “preparação” para vida adulta e, já para os jovens de periferias, é visto como um problema por terem tempo “livre”, essa concepção em relação a jovens periféricos é uma demonstração da exclusão das diferentes formas de vivenciar o ‘ser jovem’. E esta criação de estereótipos é significativa ao ponto dos sujeitos se questionarem seu pertencimento ou de não se reconhecerem como jovens, visto que as representações sociais hegemônicas em torno do que é considerado “ser jovem” não correspondem com sua vida.

Outra temática trabalhada é em relação ao Juvenicídio. Scherer (2018) considera o Juvenicídio como “interrupção de vidas jovens, de forma violenta por meio dos homicídios, provocados, especialmente, pela condição de precarização existencial gerada pela violência estrutural que impossibilita a construção de projetos de vida e futuro”. A questão do Juvenicídio é tido como um fenômeno que provém da falta de proteção juvenil e, historicamente, decorrente de um processo histórico da sociedade brasileira e que se faz presente, a questão da violência assola, principalmente aos jovens, segundo Atlas da Violência 2021, dos 45.503 homicídios ocorridos no Brasil em 2019, 51,3% vitimaram jovens entre 15 e 29 anos, isso é 23.327 jovens tiveram suas vidas ceifadas prematuramente, em uma média de 64 jovens assassinados por dia no país (Scherer, 2021).

Estabelecendo uma analogia, pode-se compreender a categoria de Juventudes como um prisma (uma figura geométrica formada por retas), as diversas formas de vivenciar a juventude correspondem as retas, que por fim, constitui a ideia de Juventudes (o prisma) e, a partir desta diversidade podemos realizar diferentes análises para compreensão das especificidades dos jovens e como estes sujeitos se constituem. E um dos segmentos que ganha força no campo da Juventude são as questões e fenômenos sociais, que surgem como temáticas emergentes, entre elas as questões de violência, trabalho, desigualdade de gênero e étnico-racial. Outro recorte a ser trabalhado dentro do campo é a problemática da fome/insegurança alimentar. Amaral (2011), inspirado em Carlos Feixa, comenta sobre as culturas juvenis que englobam a expressão coletiva das experiências sociais dos jovens por meio de estilos de vida diferentes, a partir disso, quais seriam as culturas juvenis de jovens inseridos em contexto de insegurança alimentar?

De acordo com Castro (2002, pág. 32) fome define-se como “fenômeno geograficamente universal, não havendo nenhum continente que escape à ação nefasta”, fenômeno no qual não restringe somente a Geografia visto que existe uma complexidade para compreender tal fenômeno, abrange outras áreas como área de medicina, nutrição, psicologia, ecologia, educação, re/lações internacionais, entre outras, assim, podemos considerar como um fenômeno

multifacetado (Nascimento, 2022). E além disso, um fenômeno social sendo possível interpretar diversos aspectos da sociedade quando relacionados a outros fenômenos sociais, apresentando comportamentos individuais e coletivos da sociedade. Neste caso, retoma a ideia trazida por Abramo (2005) de Situação Juvenil que caracteriza o modo que tal condição é vivida, devido os diferentes recortes - como gênero, classe, etnia, etc - que percorrem os diferentes grupos de jovens. Desta maneira, a fome deve ser vista como um fator determinante ao modo de um sujeito vivenciar a juventude.

2 METODOLOGIA

Como a pesquisa objetivou verificar as percepções de pesquisadores das juventudes que trabalham a temática da periferia, sobre a questão das juventudes que passam fome, optou-se pela a realização de uma entrevista estruturada. De acordo com Gil (2021, p. 128), a entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas em que não apenas o enunciado e a ordem das perguntas, mas também as alternativas de resposta são definidas previamente.

Foram elaboradas questões a fim de compreender quem são os jovens situados no contexto de insegurança alimentar e, em parte, as vivências de tais sujeitos a partir do relato dos entrevistados, o encontro teve duração aproximada de uma hora. Os pesquisadores convidados foram Professor Doutor Leandro Rogério Pinheiro (UFRGS), que tem trabalhado com temáticas de juventudes, processos de socialização/individuação, cotidianos, reflexividades, narrativas e ações coletivas; Professora Doutora Nola Patrícia Gamalho (UNIPAMPA), que trabalha com conceitos como espaço geográfico, representações sociais, periferia, paisagem cultural, territorialidades, práticas espaciais, metodologias qualitativas, Juventudes e educação antirracista e Ensino de Geografia e; Professora Doutora Juliana Ribeiro Vargas (UFRGS), que tem trabalhado com temáticas como juventudes, escolarização, ensino médio, feminilidades, interseccionalidade, artefatos culturais e periferias urbanas. Em relação aos cuidados éticos, os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes de concederem a entrevista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

DOS JOVENS EM INSEGURANÇA ALIMENTAR

Em busca de compreender quem são os jovens em situação de insegurança alimentar/fome, a primeira questão: *A partir de sua trajetória, qual perfil seria o de jovens em situação de maior vulnerabilidade social? Estariam eles/as em insegurança alimentar?*. As respostas permitiram traçar um perfil de quem seriam os jovens em maior vulnerabilidade social e, consequentemente, alimentar, observamos que os sujeitos mais suscetíveis são os de periferias. Segundo a fala do professor Leandro:

“[...] as periferias, que são nelas que concentram os marcadores de desigualdade, onde tem muita gente passando fome nessas localidades.”
- Leandro Pinheiro

Ao analisar a fala das professoras e do professor ficou perceptível que são as periferias que emergem como cenários de maior contingente de jovens em vulnerabilidade social e, muito des-ses, em situação de insegurança alimentar. Esse fato vai de acordo como apresentado por Ramos (2018) que a modernidade, para além do continente europeu, é marcado pelo desenvolvimento baseado na conquista, colonização e integração de países ao mercado mundial, como o Brasil, no qual resultou em consequências históricas sobre os segmentos subalternos como o desemprego, a marginalidade, a discriminação, a pobreza, entre outros. Associado a isso, podemos adicionar a questão da insegurança alimentar e para que não prevaleça seu estado mais grave muitos dos jovens periféricos se põem em trabalhos informais. Segundo a narrativa da professora Juliana, com base em sua trajetória profissional, comenta que:

“Me recordo da minha experiência de professora, por exemplo, na Vila Dique que fica atrás do aeroporto, que nos meses de final de ano, a gente tinha os esvaziamento das turmas porque as famílias se movimentavam para buscar trabalho, fosse no mercado, na praia, na arrumação de casas na praia, esses serviços mais precarizados, mas que empregavam desde o ‘gurizinho’ de 10 anos até o jovem de 18,19, 20 anos.” - Juliana Vargas

A partir do relato conseguimos enxergar a precariedade que circula nas periferias, observamos que jovens periféricos são inseridos precocemente no mundo do trabalho. Essa inserção se deve, em muitos casos, para a complementação de renda das famílias dos estudantes, visto que existe uma movimentação familiar. Quando perguntada sobre o trabalho que estes jovens desempenham dentro de tal localidade, a professora comenta que:

“É uma população de crianças e jovens que trabalham basicamente no entorno da Ceasa, não carregando frutas, talvez os maiores carregam frutas, as crianças e os pouco mais velhos trabalham fazendo e arrumando caixas de frutas e ganhando centavos por este trabalho. Poderíamos dizer que é um trabalho analogo a escravidão, porque, é muito trabalho para uma baixa remuneração. Também trabalhavam arrancando capim para alimentar cavalos de carroceiros e caminhoneiros.” - Juliana Vargas

A precariedade do trabalho apresentado pela professora vai ao encontro do que foi dito por Tommasi e Corrochano (2020, p. 354) de que:

[...] os problemas ligados ao mundo do trabalho, tanto no que diz respeito à sua ausência (os índices de desemprego entre os jovens sempre são sensivelmente maiores do que entre a população em geral), ou presença como trabalho informal, mal remunerado, de baixa qualificação, como, ainda, com respeito ao cotidiano dos jovens, especialmente a necessidade de conciliar estudos, trabalho e vida familiar.

O trabalho faz parte de uma das dimensões da experiência juvenil. Entretanto, quando visto as condições de trabalho de jovens de periferias enxergamos a precariedade, a falta de

profissionalização e remuneração digna. Observamos que a inserção, mesmo que precária, de jovens ao mundo do mercado de trabalho significa uma tentativa de distanciar da fome/insegurança alimentar grave e moderada (torna-se uma questão de sobrevivência), não significa que este jovem não esteja inserido num contexto de insegurança, neste caso, encontram-se em uma questão nutricional. Um dos pontos que ganha destaque a partir dos entrevistados, são as condições nutricionais de jovens de periferias em trabalhos informais. Como mencionado pelas professoras Juliana e Nola:

“[...] com esta venda (mão-de-obra) há complementação para a não efetividade da insegurança alimentar, mas esse jovem não tem uma alimentação plena, não tem uma alimentação que consiga fornecer, por exemplo, uma vida mais saudável. É muito complicado porque vivemos numa sociedade onde o pacote de bolacha é muito mais barato que um 1 kg de maçã. Ter uma alimentação variada, com nutrientes, se torna muito caro para todo mundo e para quem está em vulnerabilidade social mais ainda, e destes, crianças e jovens acabam sendo bem mais atingidos.” - Juliana Vargas

“[...] a população mais vulnerável, tem uma alimentação que não é rica em nutrientes, ela é muito rica em carboidratos e gorduras saturadas, deste modo já vem a importância da merenda escolar, alimentação escolar equilibrada, com nutricionistas.” - Nola Gamalho

A má remuneração pelo trabalho realizado cria uma barreira significativa que compromete a garantia ao acesso a alimentos saudáveis. Ao analisar as palavras da professora Juliana podemos entender a lógica perversa do capitalismo, os jovens de periferia possuem uma relação de proximidade a alimentos considerados adequados a questão nutricional, mas devido a sua má remuneração das atividades desempenhadas por eles, se cria uma barreira que distancia os jovens e impossibilita que consumam tais alimentos.

A professora Nola acrescenta, além da questão nutricional, a importância da merenda escolar para jovens, como uma das formas de promoção à alimentação saudável. Embora a alimentação escolar seja uma medida crucial para solucionar a problemática da fome, salientamos que esta deve andar em conjuntos com políticas públicas e ações que visem garantir a segurança alimentar em curto e longo prazo e que coloque a realidade e os desafios enfrentados por segmentos sociais mais vulneráveis, neste caso, jovens periféricos, como centro da questão para remediar a realidade da insegurança alimentar.

DO ACESSO LIMITADO ÀS ESTRATÉGIAS/TÁTICAS JUVENIS

Para entender os interesses culturais e como funciona o acesso para quem está em insegurança alimentar, a questão *“Quais são os interesses, lazeres, gostos de jovens em situação de insegurança alimentar? É possível afirmar que esses sujeitos possuem esses acessos?”* permitiu explicar a questão para os jovens.

“Acho que o acesso a cultura, a arte, aos espaços de lazer, reconhecidos pela sociedade, são mais precarizados para os jovens de periferias e para os jovens em insegurança alimentar. Existem custos. Senão o custo da participação é o custo do deslocamento. [...] Mas também podemos dizer que não tenha espaços de lazer, de entretenimento, de diversão, eu acho que eles criam, não tenho dados sobre isso, mas eles criam seus espaços de lazer, de condição, de sociabilidade. [...] eles criam esses espaços, dentro de seus territórios, a gente que desconhece esses espaços, mas tem as festas, os sons, as resenhas. Então, comentando sobre essa questão, a insegurança alimentar existe na periferia, mas a solidariedade também existe nestes espaços, muito mais do que em outros espaços.” - Juliana Vargas

Conforme a fala acima podemos observar que o acesso a serviços culturais e de lazer são mais distantes de jovens de periferias. Existem barreiras espaciais, como a distância entre residência e o serviço prestado, além do mais, existem as barreiras econômicas. Mesmo que seja garantido aos jovens por meio da Lei 12.852/2013 (Brasil, 2013) o direito à cultura, isso não significa que seja efetivamente realidade de todos os jovens brasileiros. Usamos a realidade de Porto Alegre como exemplo, as medidas da gestão do Prefeito Sebastião Melo na reformulação para acesso a meia passagem estudantil criou uma burocratização na obtenção do benefício dificultando aos demais serviços. Entretanto, os jovens desenvolvem maneiras de contornar as dificuldades e alternativas para terem tais acessos.

“[...] há algum acesso, mas um acesso muitas vezes produzido pela própria agência, capacidade de articular alguma astúcia. Tem a pesquisa de uma orientanda minha de mestrado com jovens em situação de rua e uma das coisas que ela observava era que os jovens tentavam criar alternativas, não somente para se proteger mas também para algum consumo cultural. Então, elas criam essas alternativas, a gente não pode olhar para essas pessoas em vulnerabilidade somente a partir da ausência mais flagrante, elas passam fome, é lógico que é uma urgência quando estamos falando de fome, mas é impressionante como as pessoas criam formas de lidar com as coisas que a sociedade produz, apesar dos limites que elas vivem.” - Leandro Pinheiro

Fica perceptível que mesmo que jovens se encontrem em situação de insegurança alimentar buscam formas de acessar formas de sociabilidade e acabam criando alternativas, em grande maioria, dentro de seus territórios. Conforme Duran (2007), inspirada em Michel de Certeau, coloca que toda atividade humana pode ser considerada cultura, mas desde que tenha sentido para quem desenvolve tais práticas. E, de acordo com Vasques, Oliveira e Lacerda (2020) definem, a partir de Certeau, a diferença entre *Estratégias* e *Táticas*:

[...] as estratégias se associam à produção de um lugar que torna possível administrar as relações. Encontramos em Certeau (1998, p.99) “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças [...]”. Ao contrário disto, as táticas envolvem ações determinadas pela ausência de um lugar próprio. Para tanto, agem devagar, aproveitando as ocasiões, subvertendo muitas vezes a ordem das coisas ao fazê-las trabalhar com fins e funções distintas daquelas para as quais foram criadas. (2020, p. 189).

Podemos considerar que os jovens em situação de vulnerabilidade alimentar e social desenvolvem táticas e estratégias ao analisarmos os cotidianos deles. Para exemplificar, as táticas permito-me colocar uma observação pessoal/profissional, presenciei estudantes de área de periferia de Porto Alegre, em meados de 2022 (com as mudanças já vigentes da concessão do benefício de meia-passagem aos estudantes⁷), ao usarem o transporte público dividirem a mesma passagem, neste caso, os dois estudantes em questão se esforçaram e se espremeram entre as barras da catraca do ônibus para que não precisassem pagar mais uma passagem, portanto, podemos considerar que este acontecimento se configura como uma tática visto a necessidade imediata dos sujeitos de reverterem uma situação e contrariarem a lógica posta a eles. E ao mesmo tempo elaboram estratégias, no momento em que criam espaços para desenvolverem suas práticas, que em certa medida, são restringidas em outros espaços. Alguns exemplos são as praças, festas, ruas, entre outros, que servem para estes jovens como espaços de sociabilidade para que possam desenvolver suas práticas sociais, culturais, artísticas e políticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar nas juventudes periféricas contradiz a ideia e a realidade de jovens de classe média. Como exemplo, a questão da moratória social sendo que o ócio para jovens de classe média é socialmente legitimado, visto como um momento de “preparação” para vida adulta e, já para os jovens de periferias, é visto como um problema por terem tempo “livre”, essa concepção em relação a jovens periféricos é uma demonstração da exclusão das diferentes formas de vivenciar o ‘ser jovem’. Esse pensamento sobre juventudes periféricas cria um processo de estereotipização na vida desses jovens, o que leva sujeitos a não terem o sentimento pertencimento ou de se reconhecerem como jovens, visto que as representações sociais hegemônicas em torno do que é considerado “ser jovem” não correspondem com sua vida. A fome pode ser compreendida como um fenômeno social que abrange diversos setores da sociedade. Dessa forma, ao pensar neste fenômeno associado à juventude é investigar como a condição juvenil é vivenciada e quais setores de suas vidas são interferidos.

7 Nas investigações de Silva (2023) sobre a questão da mobilidade urbana para jovens estudantes do Ensino Médio pontua a dificuldade de obtenção do benefício devido às medidas da gestão atual. Além disso, coloca que uma expressiva redução de beneficiários, cerca de 77% no número de usuários

O uso de entrevista estruturada facilitou a conexão entre as hipóteses do estudo e as percepções dos pesquisadores entrevistados. Considerando o caráter exploratório da pesquisa e a sensibilidade do tema, foram selecionados pesquisadores do campo de juventudes que estudam a temática de juventudes periféricas.

Ao analisar as falas dos entrevistados percebeu-se que existe uma vulnerabilidade não somente social mas como alimentar. A fome configura-se como um estigma na vida destes sujeitos e devido os profundos impactos que acompanham a fome, os entrevistados colocam a necessidade de fomento de políticas públicas que visem diferentes dimensões na vida destes sujeitos, como trabalho, saúde e escola, ações necessárias a fim de superarem a fome.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. (Org.). *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. 1. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 37-72.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, n. 5, maio-agosto; n. 6, setembro-dezembro, p.25-36, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781997000200004&script=sci_abstrat. Acesso em: 27 de jan. 2024.

AMARAL, Márcio de Freitas do. *Culturas juvenis e Experiência Social: Modos de Ser Jovens na Periferia*. Orientadora: Profa. Dra. Maria Stephanou. UFRGS, 2011. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/28825>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 de ago. 2024.

BRASIL. *Lei Nº 12.852*, de 05 de agosto de 2013. Dos Direitos e Das Políticas Públicas De Juventude. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 24 de ago. 2024.

BRASIL, *Conselho Nacional de Saúde*. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 24 de ago. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e Práticas Espaciais Urbanas e Cotidianas. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. Especial, n. 5, p; 74-86, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2171>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Juventudes, Ensino de Geografia e Formação/Atuação Cidadã. In: OLIVEIRA, Vitor Hugo Nedel (Org.). *Geografias das Juventudes*. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 155-179.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema do brasileiro: pão ou aço*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Josué de. *Fome: um tema proibido - últimos escritos de Josué de Castro* / Anna Maria Castro (org.). - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema do brasileiro: pão ou aço* / Josué de Castro. - Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1980.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel De Certeau. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v07n22/v07n22a08.pdf>. Acesso em: 28 de dez. 2023.

GAMALHO, Nola Patrícia. Juventudes e as Periferias. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). *Geografias das Juventudes*. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 39-59.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-cmc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 de ago. 2024.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SARTI, Flavia Medeiros. A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. *Revista História da Educação*, Pelotas, v. 14, n. 31, p. 195-217, mai./ago. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627138008.pdf>. Acesso em: 27 de ago. 2024.

RAMOS, Renata Fornelos d'Azevedo. *JUVENTUDE DA PERIFERIA do estigma ao modo de vida*. Curitiba: Appris, 2018.

REDE PENSSAN. *I VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*. Brasília, 2021. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/pesquisa2020/>. Acesso em: 26 de ago. 2024.

REDE PENSSAN. *II VIGISAN: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/>. Acesso em: 26 de ago. 2024.

SCHERER, Giovane Antonio (Org.) *Junenicídio, Território e Políticas Públicas: Rastros de Sangue na Cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: CirKula, 2022. Disponível em: <https://livrariacirkula.com.br/produto/9786589312697>. Acesso em: 28 de ago. 2024.

SILVA, Gabrielle Bezerra da. *A “reforma” do ensino médio pela perspectiva de jovens escolarizados: estudo de caso em uma escola da rede pública estadual em Porto Alegre/RS*. Orientador: Profº. Drº. Victor Hugo Nedel Oliveira. UFRGS, 2023. Monografia (Curso de Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/264376>. Acesso em: 25 de ago. 2024.

SILVA JÚNIOR, José Inácio da. *Geografias da Fome: Uma Análise Qualitativa das “Fomes” das Juventudes Brasileiras*/José Inácio da Silva Júnior. --2024. Orientador: Victor Hugo Nedel de Oliveira. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)--Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 353-371, ago./set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/> Acesso em: 27 de ago. 20234.

VASQUES, Daniel Giordani; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Corrêa. Táticas e estratégias para a educação durante a pandemia: um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFRGS. *Humanidades & Inovação*, Palmas, v. 8, n 62, p. 186-198. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4330>. Acesso em: 26 de ago. 2024

Artigo Submetido em 30.09.2025 e aprovado em 02.11.2025.

José Inácio da Silva Júnior. Licenciado e Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É professor de Geografia da rede privada, em Porto Alegre.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4908-5576>

E-mail: joseinaciojunior88@gmail.com

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500. Bairro Agronomia - Porto Alegre, RS.

Victor Hugo Nedel Oliveira. Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor e Pesquisador no Departamento de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Espaço – GEPJUVE/UFRGS/CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-8476>

E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

Endereço: Av. Bento Gonçalves, 9500. Bairro Agronomia - Porto Alegre, RS.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores:

Dr. Victor Hugo Nedel Oliveira (UFRGS)

Dra. Symaira Poliana (UFMG)

Dr. Flávio Munhoz Sofiati (UFG)

Me. Joilson Toledo (UERJ)

Dr. Mateo Ortiz (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)

Dr. Nilson Weisheimer (UFRB)

Dr. Sebastião Everton de Oliveira (FAJE)

Dra. Martha Gutiérrez (Pontifícia Universidade Javeriana/Colômbia)